

# VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO  
RUA DO OUVIDOR

32-sobrado-32

## CORTE

Trimestre .....  
Semestre .....  
Anno .....

5\$000  
10\$000  
20\$000

## PROVINCIAS

Semestre .....	13\$000
Anno .....	21\$000
Avulso .....	1\$000

1868



*Viu sete vezes a procissão.....  
Mas ficou estafado!*

## A VIDA FLUMINENSE

RIO, 8 DE ABRIL DE 1871.

Consta-me que o pseudo redactor do *Courrier de Rio de Janeiro* respondeu ante-hontem ao pequeno artigo que no sabbado passado escrevi, repellindo sua arrieirada contra o chefe da nação.

Digo—consta-me—porque não sendo assignante dessa folha, nem frequentar a casa alguma em que ella seja recebida, só podia saber-a por ouvir dizer.

E, na verdade, disseram-me que o Sr. Carlos Berry, pseudo redactor francez, como a raposa de que falla Lafontaine,

*Tint à peu près ce langage*

em seu numero de 12 do corrente:

“Que pena!

“Pensei que A. de C. Berry espirito; a leitura porém de seu ultimo numero veio convencer-me do contrario!”

Foi uma decepção, uma terrível decepção porque o Sr. Berry passou por meu respeito!

Pensar durante tantos annos (S. S. hade lembrar-se que me conhece... de vista e de leitura ha uns bons parcos de annos) que eu era dotado de espirito fino, e de repente, assim, sem mais tir-te nem guar-te, como n'uma peça *d' trucs*, vêr mudar-se a scena a meu respeito, vêr-me transformado, de escriptor ameno e faceto (como S. S. me julgava) em escriptor pesado, desconnexo sem o menor vislumbre de xiste (como me julga hoje) é cruel, cruel, cruel!

Porém quem o mandou fazer juizos precipitados sobre minhas habilitações litterarias, sobre a agudeza de meu espirito?

Tomou a nuvem por Junco; é bem feito!

Mas se o Sr. Carlos Berry enganou-se tanto a meu respeito, o mesmo não me succedeu a respeito do Sr. Berry.

Desde o principio considere-i o meu refinado *Gavroche* jornalístico, trefego, desabusoado, inconsequente, não como todos os *Gavroches* havidos e por haver.

Desde o principio comprehendi logo que S. S. comprazia-se só em dar assaduras nos transeuntes *bien mis* e atirar pedras ás vidraças das casas *plus comme il faut*.

Desde principio vi que S. S., tendo nascido assim, assim havia de morrer.

E, mercê de Deus, não me enganei. Em vez de mudar de opinião, fui, pelo contrario, cada vez robustecendo-me mais na que tinha.

““

Devo aqui uma explicação. Ahi vai ella.

Nas linhas supra mimoseei o Sr. Berry com o epitheto de—pseudo redactor.

Passo a dizer o porquê.

No tempo em que se imprimia o *Ba-la-clan* tive occasio de verificar que as melhores produções do Sr.

Berry eram escriptas por Cominerson, redactor do *Tin-tamarre*.

O Sr. Berry dava-se apenas ao trabalho de mudar os nomes proprios e de illuminar o final do artigo com sua phosphorecente assignatura.

Redacção de tesoura!

Agora, para encher as columnas do *Courrier de Rio de Janeiro*, que fuz elle?

Agarra outra vez na tesoura, esquartera a *Gironde*, *Independence Belge* ou qualquer outra folha escripta em francez, e com esses retalhos, que tem todo o cuidado de não declarar de onde são extrahidos, vai fingindo que relige o seu jornal.

Pseudo redactor.

““

Para provar que o Sr. Berry procede sempre como um *Gavroche* em seus actos jornalísticos, bastará contar uma anedocta, bastante velha, mas que caracterisa perfeitamente o verdadeiro *gamin* de Paris.

No meio de uma das praças da grande cidade estava um menino de treze para quatorze annos, lavado em lagrimas.

Um homem idoso, que passou, compadecendo-se da pobre criança, perguntou-lhe com bonhomia:

— Que tens?

— Hil Hil Hil!

— Suspende um pouco o pranto, meu filho, e conta-me porque te affliges tanto. Que desgraça te assaltou?

— Sou muito infeliz, meu senhor!

— Porque?

— Estou ralado pela fome e não tenho um soldo sequer para comprar pão!

Só por isso te affliges assim? Anda; toma esta moeda. Com ella poderás haver o pão preciso para hoje e para amanhã.

O *gamin* olhou com incredulidade para as mãos do seu bemfeitor, vio o dinheiro, arrebatou-o com petulancia, afastou-se rindo como um perdido, e quando se achou a meia distancia de passos de distancia pregou uma tremenda vaia no pobre velho:

— Cahio-na esparrala! Cahio! Hade ser por força algum provinciano ainda muito pelludo! Fóra o tolo! Fóra!

O Berry-Gavroche do *Courrier de Rio de Janeiro* fez o mesmo.

Poz-se a chorar na praça publica de sua folha, pedindo um auxilio para as victimas francezas da guerra napoleo-guillhermana, e, apenas vio-nos realisar as primeiras remessas de numerario, deu uma gargalhada e arremessou nos um punhado de lama!

““

Disse ha oito dias, e folgo de repeti-lo, que o Sr. Carlos Berry não representa a opinião da colonia franceza no Rio de Janeiro.

Mas sendo ella bastante numerosa, porque teve tão poucas assignaturas o protesto?

Ninguém estranhará, por certo, que logo depois de occupar-me com a folha do Sr. Berry, diga algumas palavras sobre os judeus que se costumam publicar nos sabbados de Alleluia.

E' tão natural a associação de ideias!

Asseguram-me que venderam-se este anno nas ruas da capital *coram policia* por consequente, nada menos de vinte e dous desses libellos diffamatorios!

Andar assim!

E ainda se acha que vivemos muito soperados por um ferrenho poder pessoal!

Haverá entretanto, no mundo, república *de facto* como seja esta boa terra?

Haverá república no mundo em que se gosse maior liberdade de pensamento e de accção?

Em que uma folha accuse tão sem rebuço de stellionatarios e ladroes os mais altos funcionarios publicos!

Em que se ataque tão de frente o chefe da Nação?

Em que se arraste pelas sargetas das ruas mais immundas os caracteres mais respeitaveis, em que se atassalhe as reputações mais ilibadas?

Em que se publiquem n'um dia vinte dous papelluchos preñes de insultos dirigidos a mogas das primeiras familias, cujos nomes vem declinados por extenção?

Em que se veja no logar mais publico uma casa, tendo na fachada uma tableta com estas palavras anti-monarchicas:—Club Republicano?

Em todas as monarchias, mesmo nas em que ha menos poder pessoal, os republicanos trabalham á sorrelfa, solapam em segredo o throno; não se apresentam nunca ás escancaras.

Em todas as monarchias, mesmo nas em que o povo gossa maior cópia de liberdades, punem-se os desregramentos de linguagem.

No Brasil tolera-se tudo, tudo, tudo!

Tolera-se até o que é defeso nas alemnadas republicanas das duas Americas.

E ainda acham que é pouco!

E' sempre a mesma fabula das ras, pedindo novo rei!

Com a devida venia transcrevo em seguida um trecho da conceituada *Gazetilha do Jornal do Commercio*, de 11 do corrente, sobre a representação do drama *Theresea ou a orphã de tenebra*, pela companhia da Phenix Dramatica.

E faço-o por dous motivos:

O primeiro, é não poder deixar de dar conta nesta chronica de um successo artistico tão importante.

O segundo, é não ter recebido o costumado artigo de D. Fuas e concordar *in totum* com a opinião do illustrado redactor do *Jornal do Commercio*, sobre

o desempenho do papel de *Theresea* pela distincta e airosa actriz Ismenia.

Ahi vai o alludido trecho:

O publico vendo-a e ouvindo-a não comprehende a situação, e como que se espanta de tão subita como inexplicavel resolução de assumir a responsabilidade de um crime alheio. Entretanto *Theresea* não deveria como que exultar, mas lamentar-se, e declarando-se assassina confessar-se apenas causa indirecta e involuntaria da morte da sua bemfeitora.

No Gymnasio ensaia-se com affino "A *Historia de um palacio*."

Será o tal paticao a que se referio D. Fuas no sabbado passado?

O Vasques vai fazer beneficio por todo este mez. Quem quizer conseguir um bilhete de cadeira hade dirigir-lhe um requerimento com todas as formalidades do estylo, e com o competente sello adhesivo de.... cinco mil réis.

E quanto antes, quando não, com a procura que ha...

Depois não venham dizer-me que não os avisei!

Movimento theatral:

Joaquim Augusto e Rosina lá se foram para São Paulo.

Amoedo entrou para a Phenix.

Isabel Porto retira-se por algum tempo do theatro. Ismenia está com um pé na Phenix e o outro em S. Luiz.

Eugenia Camara *idem, eadem, idem* no S. Pedro e na Phenix.

A. DE C.

### Assumpto de varias côres

O Sr. Salvador Senior e a legitimidade da sua mercadoria.—Luiz Guimarães Junior e as procissões.—O collegio de Mme. Jenny Amaat.—Palla-se dos lientros em geral, e do beneficio do Roger em particular.—A recepção que tencionam fazer-se a Rossi.—O club Mozart.

Dispunha-me a fumar um excellente *haviana*, de que o Sr. Salvador Senior, estabelecido á rua do Ouvidor n. 45, me fizera presente para mostrar-me a legitimidade da sua mercadoria, quando me veio as mãos o *Diario do Rio* de domingo passado, onde, no logar reservado aos primorosos folhetins de Luiz Guimarães Junior, deparei com os periodos, que em seguida transcrevo.

"Prohibe-se o theatro e não se prohibem as procissões. Se o theatro offende os homens, as procissões offendem a Deus!

"Não se diz mais em scena do que se faz nas ruas



O, v. mulher? parece-me que agora é melhor irmos  
para casa.  
Dna. Ainda temos tus igrejás para visitar

# Visitações.



*Linha não foi visitar as igre-  
jas... por sentir muitas dores  
na cabeça.*

*Enquanto os amos visitam  
as igrejas, os criados visitam  
a idiossensa.*



*Os gatunos aproveitam também  
a occasião para visitar as  
casas.*

*Cultos, mais devotos, visitam as  
igrejas... e os pobres dos pés ao  
inferno também.*

publicas por onde atravessa o lugubre cortejo do enterro do Creador!

"A logica obriga a muita coisa: ser logico, é ser verdadeiro, e a verdade mathematica, que vale um axioma, significa o seguinte: — 2 e 2 são quatro.

"Ora, mathematicamente, tanto o theatro como as procições devem ser prohibidas.

"Que importa que sobre as tubos de um palco Margarida Gautier ostente as suas peridas galas, quando Maria Duplessis patentea com a maior impudencia o seu apetro voluptuoso perante a effigie sacrosanta do Christo?

"Nas platéas e nos camarotes, ninguém se atropella e ninguém se insulta. Se tal acontecesse perderia um bocadinho a moral humana. Enquanto percorrem nas procições, na hora solemne em que o cadaver divino do divino Cordeiro illumina as ruas, nada muda nas evoluções e nas maquiagens da existencia ordinaria; parece até que o escandalo mostra o que póde e dá o que lhe pede a occasião.

"Ora, isso, com franqueza, e sem ultramontanismo, é não só offender a sociedade dos homens como ludibrian a creatura divina.

"Para que, pois, fechar o theatro onde representam vinte a trinta creaturas, para deixar a vontade o palco em que desde a creanga até o homem, desde o homem até o anão, todos dão o seu obulo de mal e de injuria legalisada.?

"A religião é santa, e a pessoa soberana de Christo está envolta em taes admiraveis e escusos mysterios que fóra melhor deixal-a no seu nicho, repleta do fulgores incompreheensiveis, do que expol-a ao olhar bocal de uns e ao maldito panorama que outros abrem em face da ideal victim.

"Não se acredita em Deus? Não se cre na Paixão? Nem na hostia immaculada? Pois bem, que o culto religioso se encerre nos tabernáculos intimos da igreja. Expôr os mais notaveis mysterios da Escripura aos motejos e (o que é peor) á indifferença do vulgo é por assim dizer abrir um palacio de penas e nuvens a um rebanho tumultuoso de ovelhas desgarradas.

"Sejamos logicos, que é a grande vantagem da bussola do espirito humano: apontemos para o Norte. Fechem-se todos os theatros enquanto a compaixão e a generosidade do coração humano representam a tragedia indizivel.

"Ordem do poder competente para cerrarem-se as portas dos theatros. Muito bem.

"Mas, como appendice a tal ordem, não seria fóra de proposito acrescentar o seguinte:

"Não sahirá mais nenhuma procição enquanto estiverem fechados os theatros.

"Christo agradecerá mais a suppressão do scenario de sua morte do que a representação da Morgadinha de Val-flor e do Diabo atraz da porta.

LEIZ GUIMARÃES JUNIOR.

Se a imprensa não pensasse d'esta fórma, o culto divino ficaria limitado á Igreja, com o que muito lucraria a nossa religião.

Folgo sempre de indicar ao leitor toda e qualquer casa de educação, que disponha de professores habilitados, e attenda, tanto quanto é possível attender-se, ao bem estar phisico e moral do seus pensionistas.

O collegio estabelecido na rua do Rio Comprido, sob a intelligente direcção de M.<sup>me</sup> Jenny Amaral, reune em alta escola as condições supracitadas. Oprimas professoras, salubre e agradável localidade, educação esmerada, procurando antes persuadir pelos modos carinhosos do que vencer pelo castigo a má vontade das alumnas, alimentação sadia e abundante; eis o programma do collegio de M.<sup>me</sup> Amaral, que é hoje tido no numero dos melhoes d'esta côrte,

..

Os theatros reabriram as portas, e o publico sequioso de espectaculos, acudio pressuroso ao reclamo dos empregarios.

No Gymnasio, graças ao panorama da cidade do Porto, habil e artisticamente pintado pelo scenographo Valle, tem havido enchenches successivas e uma azafama na acquisição dos bilhetes d'ingresso, que tem elevado esta genero a cotações quasi fabulosas.

No S. Luiz acontece outro tanto sempre que Emilia Adelnida toma parte no espectaculo.

Na Phenix continúa a *Orphé de Genebra* a metter um conto de réis por noite na algibeira do seu feliz tutor, o Sr. Heller.

No Alcazar não faltam novidades.

Além da *reprise* da *Princesse de Trebizond*, opera muito sabor dos *habits* e que offerece a Nozier e M.<sup>lle</sup> Delmary vasto campo para a manifestação de seus recursos artisticos; temos na segunda-feira proxima o beneficio do intelligente actor Roger, que tem sabido adquirir geraes sympathias, pelo modo consciencioso porque dá conta dos papeis que lhe são distribuidos.

E' enchenche certa. O publico aprecio deverá o *famigerado diplomata* do Canard á *trois becs*, e hade forçosamente correr a occupar todos os lugares do theatro francez, na noite do seu beneficio.

..

Para terminar:

— A' hora em que escrevo, espera-se ansiosamente o celebre Rossi, a quem os italianos aqui residentes preparam uma recepção esplendida.

— O Club Mozart dá na proxima semana o concerto que devia ter lugar hontem á noite. E' variadissimo o programma d'essa festa musical, da qual espero occupar-me detidamente no sabbado proximo.

A. DE A.

—4-6330-11

Ernesto Rossi.

ESBOÇO BIOGRAPHICO.

(Continuação.)

Para recitar as tragedias de Shakespeare era preciso crear uma escola, de que os italianos não tinham o menor conhecimento, e lutar fortemente com os habits do publico, que, embora sequioso de novidades,

nem sempre aceita as que não tem a magia de embriagar-lhe desde logo os sentidos.

Forga é dize-lo a Italia, no principio, olhou attonita para o *Hamlet*, *Leor*, *Macheth*, *Othello* e *Coriolano*, sem comprehender-lhes as belezas.

O trabalho artistico do nosso heroe despertava sempre frenetico entusiasmo; mas o espectro de *Hamlet*, as precieções funerarias, e os cemiterios repletos de ossadas humanas inspiravam certa repugnancia, que o publico só podia vencer ao cabo de alguns mezes de indifferença.

Ao passo que os verdadeiros cultores do bello, embora poucos, applaudiam as tentativas de Rossi aconselhando-o a proseguir n'um genero a que forçosamente elle deveria mais tarde a aureola gloriosa, que hoje o circunda; os invejosos, os incredulos e essa maioria do publico, mais propensa as grandes situações dramaticas do que as belezas do dialogo, moldada pelas leis da litteratura severa, proclamavam alto e bom som *ba esser meglio che il Rossi ritornasse alle cose di prima e ben essere questi drammi spettacolosi che non son fatti per noi*.

Pouco a pouco, porém, os homens para quem a illustração não era completa cimmera, começaram a notar que o bello não era de facil comprehensão, e que as belezas da litteratura transcendental só podiam ser aquilutadas apoz cuidadosa leitura no gabinete, e repetidas audições no theatro.

A attenção crescia, pois, de dia para dia; a discussão iniciava-se brilhante e animada; a imprensa auxiliava os esforços de Ernesto Rossi, apoiando á luz da verdade e da razão as sublimes concepções do poeta inglez e o modo porque o nosso heroe soubera dar-lhes vida; e embora, os pessimistas continuassem a atrair os ares com as suas ironias disparatadas, o *Hamlet*, o *Othello* e o *Coriolano*, tão friamente recebidos nas primeiras exhibições, recebiam a final a sanção gloriosa, a que tinham direito.

Rossi vencia; a tragedia tornava-se moda em Italia, e o publico prodigalisava finalmente ao poeta inglez ovações iguaes ás que sempre dispensara ao actor italiano.

(continua.)

A. DE A.

(Imitado do italiano.)

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

### O BUSTO

ROMANCECETO POR EDMOND ABOUT.

CAPITULO IV.  
(Continuação.)

Ao entrar em seu quarto, de Marsal tirou do fundo de seu baú o celebre par de pistolas, para substituir por novas as antigas repetidas, que já estavam vestidas do zinabre. Depois escreveu uma extensa carta para sua irmã e d'istincto-se não conseguindo, porém, conciliar o sono.

Daniel dormiu como Alexandre ou o grande Condé na véspera de uma batalha. As cinco horas o modo já estava de pé na dila adversarios e subiram do castello sem serem presenciosos por ninguém.

O Sr. de Marsal atirou pela janella dentro do quarto da porteira a carta que escrevera á sua irmã.

Ninguém deixou de comparecer no lugar e á hora aprazada.

A casa da camara de Montrege é um edificio novo, construido no meio dos campos, a alguns passos da aldeia. As testemunhas despidiram seus corvos e todos se encaminharam a pé na direcção das pedreiras. Na frente lá Daniel com seus amigos.

— Como está tranquillo! disse-lhe em caminho o pintor.

— Estou tranquillo! porque tenho esperança de que nos livremos de batar á espada.

Mas é a sorte que ha de decidir a escolha das armas, por isso...

Só elle designar a pistola (talhou o escultor) não respondo pelas consequências; tudo com certeza meo antagonista!

— Como assim? Não comprehendes?

— Entanto não ha nada mais simples. De espada em punho não tem o o menor receio que elle me offenda e possa poupar. N'um duello á pistola, porém, o caso muda muito de figura: quem poupa o competidor, arrisca-se a morrer.

— Tuas razões!

— Mas seu proprio interesse aconselha-lhe que prefira a espada.

Neste momento dizia o Sr. Larambert ao Sr. de Marsal:

— Insistas em não te bateres á espada?

— Se preferes a pistola é porque sem duvida afixas perfeitamente essa arma.

— Pessimamente.

— Ah! Então tereis certeza que o escultor tamará...

— Qual! Daniel em vinte firas acerta o zeneve.

— Buem...

— Depois ha pouco direi a que convém fazer.

Passaram todos em uma escavação na rocha, tendo quarenta pias de comprimento sobre vinte de largura, cujo solo era tão liao como o de uma sala d'armas.

Para proceder-se á escolha das armas, o Sr. Larambert atirou ao ar uma moeda do visto francez. Pelo ajuste préviamente feito, o cunho indicaria a espada, o cunho a pistola. A moeda cahiu com o cunho para cima: o duello devia portanto ser á pistola.

Estava, portanto, apenas fixar a distancia e medir o terreno. As quatro testemunhas já não se sentiam tão animadas pelo amor proprio como na véspera, quando discutiam nas rondes e o lugar do duello. O Sr. Larambert tinha a vez presa na garganta. As outras tres choravam em silencio.

Colloquem-se a quarenta passos (disse Daniel a seus amigos) e fagam com que elle atire primeiro. Se errar o alvo, eu tambem farei com que minha irmã passe uma braga por cima do seu calção.

Depois de um breve colloquio com o Sr. de Marsal, o Sr. Larambert veio apresentar a Daniel as testemunhas a seguinte proposta:

— Meus senhores, o Sr. de Marsal nunca soube atirar no alvo, e o Sr. Fort é de primeira força. O unico meio de juntar as circumstancias é desaccarear uma das armas e tirar á sorte. Collocar-se-hão os dois adversarios a cinco passos um do outro...

— Porquê isto e não duello de morte! exclamou Daniel.

— É assim que o Sr. de Marsal deseja lutar-se, accrescentou o Sr. Larambert.

— Não! Não a consentiremos! braderam as testemunhas do artista.

— Então o duello é impossivel (abserrou com visível satisfação o Sr. de Marsal) e não nos resta senão chegar a um accordo unanime.

— Pola, pola! (disse Daniel), arrojou-lhe isso como quizeram. Não tenho sede do sangue do inimigo e estou prompto a perdoar no capitulo as amabilidades que me dá o diabo.

— Posso repetir suas palavras ao Sr. de Marsal?

— Repita! Repita!

Voltando para junto do capitão, o parlamentar disse-lhe:

— O homem chegou-se ás boas; está resolvido a esquecer o que se passou. Podemos, portanto, consertar a coisa mais arrazada.

— Ah! Ah! (poderam o Sr. de Marsal muito ao-hor) Assim são todos os valentões eguadistinctos! Recem-tinhamos apenas se achado um meio de singular as probabilidades. Tinha a bondade de perguntar ao Sr. Daniel que descalças quer dar-lhe, para que eu esqueça sua grosseria.

O Sr. Larambert tornou a atravessar o terreno neutro, que separava os dois campos inimigos e disse ao artista:

— O Sr. de Marsal cedeu com prazer suas palavras, e espera que o senhor se dignará dar-lhe mais outra prova do cortezal pedindo-lhe perdão de...

Daniel não quiz ouvir o resto. Com voz altiva replicou logo:

— Não costumo pedir perdão a ninguém, muito menos ás pessoas que me insultam. Queira desaccarear uma das pistolas!

— Buem!

Após não ha mais *porém* que se possa admitir. As graças do mudo gozo devem durar pouco e está já se vai tornando muito longa.

As testemunhas do escultor procuraram acalmar o; foi tudo em vão.

(continua.)

ÁVIDA FLUMINENSE



Então o Rev.<sup>do</sup> D. João de Castilhos.  
 frequentes para fazer hospital de judeus no seu espectáculo de procriação?  
 Mais do que isso me dão o Sr.<sup>o</sup> Furtado, Heller e Guimarães  
 quando precisam de comparsas.